

Economia Social e Solidária

Reflexões sobre a economia solidária no cooperativismo apícola do Vale do Jequitinhonha

Reflections on the solidarity economy in beekeeping cooperatives in the Jequitinhonha Valley

Daniel Júnior Rodrigues Alvarenga^I , André Moulin Dardengo^{II} 

^I Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, Brasil

^{II} Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Teófilo Otoni, MG, Brasil

RESUMO

O artigo em questão objetiva uma reflexão sobre os princípios fundamentais da economia solidária, focalizando especificamente a dinâmica da Cooperativa de Apicultores do Vale do Jequitinhonha (COOAPIVAJE). Utilizando uma abordagem qualitativa-quantitativa, este estudo de caso emprega métodos de coleta de dados, incluindo questionários e entrevistas semiestruturadas aplicadas diretamente aos apicultores envolvidos. A análise dos dados coletados é conduzida empregando uma abordagem de análise de conteúdo. Os resultados revelam a presença marcante de elementos característicos da economia solidária, tais como cooperação e democracia participativa, dentro do contexto da COOAPIVAJE. Embora a cooperativa não se autodenomine explicitamente como um empreendimento econômico solidário, os achados sugerem uma natureza híbrida, na qual princípios solidários coexistem com dinâmicas tradicionais de cooperativismo. Esta pesquisa demonstra como as práticas econômico solidárias podem se manifestar de forma tangível, mesmo em organizações que não se identificam formalmente como tais.

Palavras-chave: Economia Solidária; Apicultura; Vale do Jequitinhonha

ABSTRACT

The article in question aims to reflect on the fundamental principles of the solidarity economy, focusing specifically on the dynamics of the Jequitinhonha Valley Beekeepers' Cooperative (COOAPIVAJE). Using a qualitative-quantitative approach, this case study employs data collection methods, including questionnaires and semi-structured interviews applied directly to the beekeepers involved. Analysis of the data collected is conducted using a content analysis approach. The results reveal the marked presence of elements characteristic of the solidarity economy, such as cooperation and participatory democracy, within the context of COOAPIVAJE. Although the cooperative does not explicitly call itself

a solidarity entity, the findings suggest a hybrid nature, in which solidarity principles coexist with traditional cooperative dynamics. This research demonstrates how solidarity economic practices can manifest themselves in a tangible way, even in organizations that do not formally identify themselves as such.

Keywords: Solidarity economy; Beekeeping; Jequitinhonha Valley

1 INTRODUÇÃO

O cooperativismo é uma corrente filosófica e modelo econômico que possui como principais características a solidariedade, a independência e a participação democrática (Singer, 2002). As cooperativas desempenham um papel essencial na comercialização e na produção de produtos, uma vez que têm como característica principal a promoção da ação coletiva entre seus membros. Frequentemente, essas atividades começam de forma informal e secundária, mas ao longo do tempo podem se expandir, abrindo novos canais de comercialização. Assim, as cooperativas oferecem inúmeros benefícios aos seus membros, incluindo aprendizado, socialização e geração de renda (Martins, 2011).

No mesmo viés de cooperação, observamos que a apicultura tende a promover a ação coletiva entre seus praticantes. As ações coletivas são essenciais para a produção, o beneficiamento e a comercialização de produtos apícolas, uma vez que estas atividades quando são realizadas de forma isolada têm um custo muito mais elevado. O cooperativismo, dentro do setor apícola, pode, portanto, desempenhar um papel crucial no fomento da atividade, desde a produção até a comercialização. Além disso, pode contribuir para a redução de despesas com insumos apícolas por meio de compras coletivas, viabilizando melhores resultados em termos de comercialização e produtividade (Lengler e Rathmann, 2007).

As cooperativas podem obter recursos financeiros e materiais para a construção de unidades de beneficiamento de produtos de abelhas, possibilitando que os apicultores produzam mel de acordo com as normas fiscais e sanitárias exigidas.

Isso garante a qualidade do produto desde a etapa de produção até a certificação (Arruda et al., 2011). Nesse contexto, o cooperativismo no setor apícola serve como uma ferramenta essencial para os apicultores atenderem às exigências do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), facilitando a comercialização e o acesso aos mercados formais, principalmente ao de compras institucionais.

As abelhas surgiram aproximadamente há 125 milhões de anos, pouco tempo depois do surgimento das plantas. Há registros delas em pinturas primitivas, de até 15 e 10 mil anos, encontradas na Espanha e na África (Souza, Evangelista-Rodrigues e Pinto, 2007). Desde então, as abelhas e as plantas desenvolveram uma relação de dependência mútua, em que as plantas que produzem flores servem de alimento para as abelhas, e ao se alimentarem, as abelhas contribuem para a polinização das plantas. Os seres humanos começaram a extrair o mel para consumo desde a época em que eram apenas caçadores/coletores.

No Brasil, as abelhas africanas foram introduzidas em 1956 com o objetivo de buscar melhoramento genético visando aumentar a produção de mel. Contudo, ocorreu um processo de enxameação que resultou no cruzamento com abelhas de origem europeia, trazidas pelos imigrantes entre 1840-1850. Esse cruzamento formou um híbrido conhecido como abelha africanizada¹ (Soares, 2004).

Em 2021, segundo dados do IBGE (2021), o Brasil registrou uma produção de mel de 55.828.154 quilos, sendo que o estado do Rio Grande do Sul se destacou como o maior produtor, com 9.212.224 quilos. Minas Gerais ocupou a sexta posição na produção nacional, totalizando 4.584.133 de quilos de mel. Em 2022, o Brasil produziu 60.966.305 quilos de mel, enquanto o estado de Minas Gerais, produziu 6.164.784 quilos (IBGE, 2022).

No Brasil, e em Minas Gerais, portanto, a apicultura segue se expandindo, sendo uma alternativa de produção e geração de renda em pequenas propriedades

¹ Conforme Soares (2004), a abelha africanizada, embora muito produtiva, causou forte impacto no início de sua dispersão, pois ela apresenta elevado grau de agressividade, que resultou em um abandono da atividade apícola, morte de pessoas, animais e a produção de mel, que já era baixa, assim praticamente zeraram. Com o passar do tempo e o desenvolvimento de novas técnicas de manejo, a produção de mel e outros produtos apícolas voltou a aumentar.

rurais (Prediger; Ahrlet, 2019). No Vale do Jequitinhonha, território do nordeste do estado de Minas Gerais, a apicultura tem desempenhado um papel importante para muitos agricultores familiares, fomentando a diversificação econômica da região (Pereira et al., 2020). A apicultura² tem um papel crucial na vida destes pequenos produtores, contribuindo significativamente para a geração de trabalho e renda, além de desempenharem um papel importante na preservação e conservação do meio ambiente, contribuindo para a fauna e a flora da região e ajudando na manutenção da biodiversidade (Marinho *et al.*, 2021).

Entre os esforços de organização dos atores envolvidos na produção apícola no Vale do Jequitinhonha está a criação, em 2010, da Cooperativa dos Apicultores do Vale do Jequitinhonha (COOAPIVAJE) que possui uma unidade de beneficiamento de produtos de abelhas na cidade de Turmalina-MG. A COOAPIVAJE possui selo do Serviço de Inspeção Federal (SIF) e comercializa o 'Mel Jequitinhonha', cuja marca é registrada desde 2018.

Apesar da existência de algumas pesquisas já realizadas, a realidade da cadeia de valor do mel no Vale do Jequitinhonha necessita de mais estudos interdisciplinares capazes de contemporizar as dimensões humana e social com a ecológica e ambiental (Silva, 2023). Diante desse cenário, o objetivo deste trabalho é identificar se são praticados os princípios da cooperação e da democracia nas relações entre os sócios da COOAPIVAJE.

Para fins de estruturação da discussão, o texto está organizado em cinco seções, incluindo esta introdução. A seção dois apresenta uma síntese da revisão de literatura, apresentando conceitos sobre cooperativismo e economia solidária. A seção três aborda o procedimento metodológico adotado. A seção quatro aborda os principais resultados da pesquisa e, por fim, são feitas breves considerações finais sobre o tema da pesquisa.

² Segundo Prediger e Ahrlet (2019), a atividade apícola é basicamente ecológica, rentável e podendo ser desenvolvida em qualquer espaço geográfico que apresenta disposição de solo e clima favoráveis, além de uma vegetação rica em floradas fornecendo um pasto apícola para as abelhas.

2 BREVES APONTAMENTOS SOBRE O COOPERATIVISMO E A ECONOMIA SOLIDÁRIA

O cooperativismo remonta suas origens no século XIX na Inglaterra e na França. A Revolução Industrial aumentou a precariedade das relações de trabalho em um contexto sem nenhuma proteção legal aos trabalhadores, resultando em longas jornadas de trabalho, baixos salários, adoecimento e até mortes. O cooperativismo surge como uma filosofia, com base nas realizações cooperativas visando à renovação social através da cooperação e superação dos problemas daquele contexto precário de trabalho (Pinho, 1966). O cooperativismo busca melhorar a vida dos trabalhadores através da cooperação entre eles sem objetivar o lucro. Nesse sentido,

O surgimento do Cooperativismo liga-se ao desenvolvimento do capitalismo industrial na Europa do século XVIII, como expressão de um movimento operário, reagindo às condições de extrema exploração então existentes. Neste contexto, as crianças de menos de nove anos trabalhavam das seis da manhã às seis da noite e os adultos tinham uma jornada de catorze horas de trabalho (Rios, 2007, p.23).

Defendia-se que por meio da organização formal, designada como cooperativa, desde que se considerassem valores humanistas e se praticassem regras, normas e princípios próprios, a exploração da classe trabalhadora poderia ser superada (Pinho, 1966). Pinho (1966) também oferece uma definição de cooperativismo que será apresentada a seguir:

Cooperativismo no sentido de doutrina que tem por objeto a correção do social pelo econômico através de associações de fim predominantemente econômico, ou seja, as cooperativas; cooperativas no sentido de sociedades de pessoas organizadas em bases democráticas, que visam não só a suprir seus membros de bens e serviços como também a realizar determinados programas educativos e sociais. Trata-se, insistimos, de sociedade de pessoas e não de capital, sem interesse lucrativo e com fins econômico-sociais. Seu funcionamento se inspira nos chamados “Princípios dos Pioneiros de Rochdale”: adesão livre, gestão democrática, juros módicos ao capital, retorno proporcional às operações, transações a dinheiro, neutralidade política, religiosa e ética e desenvolvimento do ensino (Pinho, 2004, p.8).

A primeira cooperativa que se tornou um marco em âmbito mundial foi a

Sociedade dos Probos de Rochdale, fundada em 1843, em Manchester, na Inglaterra. Foram 28 tecelões que se reuniram e a estabeleceram (Pinho, 1966). Singer (2002) aponta que o cooperativismo no Brasil foi introduzido pelos europeus e difundido por meio das cooperativas de consumo e cooperativas agrícolas.

Ainda durante o século XIX, em que a sociedade europeia passava pelos problemas sociais já expostos, especialmente na área laboral, com extensas horas de trabalho e condições insalubres, alguns pensadores econômicos com ideais de liberdade e justiça propuseram novas formas de trabalho. Esse movimento deu “origem a um particular grupo de socialistas, chamados utópicos [que consideravam o] liberalismo econômico como algo pernicioso à sociedade e pregam certa igualdade social de oportunidade e de condições” (Bialoskorski Neto, 2006, p.22-23).

Diante desse cenário, é “que se situam as manifestações dos socialistas utópicos, vários deles precursores do cooperativismo” (Schneider, 1999, p.35). Os socialistas utópicos enxergavam que uma sociedade melhor seria possível, por reformas e não por uma violência revolucionária, invertendo moralmente o mundo pela projeção da utopia, na tentativa de convencer pela força das ideias (Zwick, 2011).

Os socialistas utópicos, foram os principais expoentes das ideias do cooperativismo proporcionando a base teórica para o cooperativismo moderno, no qual cada um deixou a sua contribuição para o movimento cooperativista. O cooperativismo possui uma estreita relação com a economia solidária. A economia solidária, segundo Culti (2006), é considerada uma reação contemporânea, na qual a ação coletiva se apresenta como uma alternativa viável para os atores sociais, muitos dos quais estão desvinculados do mercado de trabalho formal e do consumo.

No Brasil, a primeira cooperativa fundada foi em 1889, na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais denominada Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto-MG (Cançado; Souza; Pereira, 2015). Em 1902 foi fundada a segunda cooperativa no Brasil na cidade de Nova Petrópolis no Rio Grande do Sul, a SICREDI (Sistema de Crédito Cooperativo).

O cooperativismo no Brasil foi oficializado pelo Decreto Federal nº 1.637 em 1907. Durante o governo de Getúlio Vargas, o Decreto Federal nº 22.239/1932 conferiu maior robustez e consolidou a legislação sobre o cooperativismo. Esses decretos foram fundamentais, pois definiram a relação entre o Estado e as cooperativas, proporcionando aspectos mais significativos dessa interação ao institucionalizar e definir o grau de liberdade e autonomia das sociedades cooperativas para cumprir suas funções.

O reconhecimento legal e institucional das cooperativas no Brasil resultou em uma base de princípios, que norteiam o desenvolvimento e a consolidação do cooperativismo³ no país. Segundo Fardini (2017), existem sete princípios que regem o cooperativismo, sendo eles: adesão voluntária e livre; gestão democrática; participação econômica dos membros; autonomia e independência; educação, formação e informação; intercooperação e preocupação ou interesse com a comunidade. De acordo com dados do Anuário do Cooperativismo Brasileiro de 2022, elaborado pelo Sistema OCB (Organização das Cooperativas do Brasil), verifica-se que, no ano de 2021, o Brasil contava com 4.880 cooperativas, envolvendo um total de 18.887.168 cooperados.

No Brasil, a economia solidária foi institucionalizada em 2003, por meio do Ministério do Trabalho, durante o governo Lula I. Foi então criada a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES⁴). A iniciativa do governo visava fortalecer a dimensão estratégica da economia solidária, apresentando-se como um desafio para contribuir para o desenvolvimento do país. Os empreendimentos econômicos-solidários buscam

³Existem sete ramos do cooperativismo no Brasil: Agropecuário: composto por cooperativas que se destinam, a prover, a prestação de serviços relacionados às atividades agropecuária, extrativista, agroindustrial, aquícola ou pesqueira; Consumo: composto por cooperativas que se destinam, à compra em comum de produtos e/ou serviços para seus cooperados; Crédito: composto por cooperativas que se destinam a prestação de serviços financeiros a seus cooperados; Infraestrutura: composto por cooperativas que se destinam, precipuamente, a prover, por meio da mutualidade, a prestação de serviços relacionados à infraestrutura a seus cooperados; Trabalho, Produção de Bens e Serviços: composto por cooperativas que se destinam, a prestação de serviços especializados a terceiros ou a produção em comum de bens; Saúde: composto por cooperativas que se destinam, a prover ou adquirir, serviços dedicados à preservação, assistência e promoção da saúde humana; Transporte: composto por cooperativas que se destinam a prestação de serviços de transporte de cargas e/ ou passageiros (OCB, 2022).

⁴Em 2019, uma medida provisória levou à reorganização ministerial, transferindo a responsabilidade pela Economia Solidária para o Ministério da Cidadania. Posteriormente, o decreto nº 9674, de 2 de janeiro de 2019, detalhou a estrutura do Ministério da Cidadania, resultando na extinção da Senaes. Contudo, o Conselho Nacional de Economia Solidária foi mantido pelo governo com suas atividades paralisadas sendo retomadas apenas em outubro de 2023.

analisar e interpretar a realidade do cotidiano dessas organizações, a fim de identificar práticas e valores distintos, que negam a experiência heterônoma do trabalho nas empresas capitalistas, fundamentando uma nova realidade no trabalho e na vida (Holzmann, 2009).

Os empreendimentos solidários mais comuns incluem cooperativas, grupos solidários, clubes de troca, bancos comunitários e redes de economia solidária. As cooperativas, em particular, são associações de trabalhadores autônomos que oferecem serviços como prestação de serviços e concessão de créditos, entre outros. Conforme apontam Gaiger (2013) e Singer (2008), muitas cooperativas apresentam características de empresas capitalistas. É fundamental diferenciar uma cooperativa que adota os princípios da economia solidária e uma cooperativa capitalista que busca a maximização do lucro nas mãos de poucos. Nem toda cooperativa é solidária, ressaltando a importância de discernir entre esses modelos para promover a verdadeira economia solidária.

Os grupos solidários são redes autônomas de trabalhadores que buscam resolver necessidades específicas de uma determinada região e têm a capacidade de evoluir em cooperativas. Já os clubes de troca, conforme destacado por Singer (2008), surgiram como estratégias de consumo em resposta às crises no mercado de trabalho. Tiveram origem na América do Norte, mais precisamente na Ilha de Vancouver, como uma forma de organizar trocas de produtos diante do fechamento de fábricas.

No que se refere aos bancos comunitários são cooperativas de crédito que tem como objetivo facilitar o acesso ao crédito para seus associados. Nos bancos comunitários quando alguém deixa de pagar ao invés do banco processar o cliente ou penhorar seus bens, ele concede mais crédito para essas pessoas se reabilitarem, por isso o Banco de Yunus⁵ apresenta inadimplência zero (Singer, 2008).

As redes de economia solidária são formadas por consumidores, produtores

⁵ O banco de Yunus, conhecido popularmente como Grameen Bank, foi o primeiro banco do mundo a conceder microcrédito com o objetivo de eliminar a pobreza. Ele foi criado em 1976 por Muhammad Yunus.

e prestadores de serviço que participam da economia solidária. De acordo com Mance (2002), as redes de economia solidária são: uma estratégia para conectar empreendimentos solidários de produção, comercialização, financiamento, consumidores e outras organizações populares em um movimento de realimentação e crescimento conjunto antagônico ao capitalismo. Os empreendimentos solidários desempenham um papel crucial no fortalecimento da classe trabalhadora dentro do sistema capitalista, oferecendo uma potencial via para o desenvolvimento da sociedade.

Os empreendimentos solidários são regidos pelos princípios da economia solidária que são: autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e consumo solidário.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Adotou-se uma abordagem qualitativa-quantitativa no estudo de caso da COOAPIVAJE, pois o foco da pesquisa é a análise desta cooperativa. Este método foi escolhido por ser capaz de integrar a coleta e análise de dados tanto quantitativos quanto qualitativos da organização. Segundo Martins (2008), o estudo de caso permite avaliar, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso específico através de uma experiência detalhada e profunda. Este estudo está ancorado em uma revisão bibliográfica e documental, garantindo uma base teórica para a investigação e análise.

Os instrumentos que se utilizaram na coleta de dados foram: questionário⁶ e entrevistas semiestruturadas. A coleta de dados via entrevistas semiestruturadas ocorreu no mês de novembro de 2023, nos municípios de Turmalina, Virgem da Lapa,

⁶ A aplicação do questionário considerou a anuência do participante, levando em conta a sua disponibilidade de tempo e acessibilidade. A construção deste questionário foi feita de forma coletiva pela equipe do Projeto “Cadeia de Valor do Mel no Semiárido Mineiro - análise ecológica, socioeconômica e organoléptica com vistas à exportação e ampliação do mercado de méis especiais”. Antes de ser aplicado efetivamente, ocorreu um teste piloto em atividades regionais nos meses de abril e maio de 2023, passando por ajustes necessários. O questionário passou a ser efetivamente aplicado em junho de 2023 aos participantes da pesquisa. Foram aplicados 135 questionários e, neste trabalho, serão analisados os 10 questionários respondidos pelos apicultores sócios da COOAPIVAJE. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), conforme o parecer de número 6.319.979.

Carbonita e Chapada do Norte, em Minas Gerais. Foram selecionados 06 cooperados para participar das entrevistas dentre os 10 sócios da COOAPIVAJE que responderam ao questionário. Os critérios para selecionar os entrevistados foram: gênero, tempo de filiação à cooperativa, experiência em cargos diretivos e produção anual de mel. Os dados secundários foram obtidos por meio do Censo Agropecuário de 2017 e do Atlas da Apicultura no Vale do Jequitinhonha de 2021.

Para analisar as entrevistas foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2011). A análise de conteúdo, é compreendida como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos a descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2011, p. 48).

As etapas da análise de conteúdo segundo Bardin (2011), são: pré-análise, exploração material e tratamentos dos resultados, inferência e interpretação. A pré-análise ocorreu após a transcrição das entrevistas, seguida pela exploração do material. Essa exploração consistiu na seleção e marcação dos trechos que foram utilizados na análise e discussão dos resultados do presente artigo, agrupando-os conforme os significados relacionados a cooperativas. A primeira categorização foi realizada, agrupando os trechos em temas relacionados ao foco da pesquisa. As categorias identificadas incluem cooperativismo, democracia participativa e cooperação.

A inferência foi realizada por meio de uma dedução lógica, analisando as entrevistas sob a perspectiva das categorias mais frequentemente utilizadas, permitindo a descrição de mensagens implícitas nas entrevistas. A interpretação dos dados foi ancorada no referencial teórico da pesquisa e no referencial metodológico.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS APICULTORES DA COOAPIVAJE

A COOAPIVAJE fica localizada na cidade de Turmalina, em Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha. De acordo com o último censo realizado pelo IBGE em 2022, Turmalina possui uma população de 20.000 habitantes. A COOAPIVAJE conta com 33 cooperados e foi aplicado questionário para 10 deles. Dentro deste grupo que participou da pesquisa, no que tange ao sexo, 90% são homens, enquanto há apenas uma mulher apiculadora. Em relação ao estado civil dos cooperados, 90% são casados e há apenas um em união estável. Quanto à cor de pele, há uma predominância de pessoas pardas, que representam 60%, enquanto que os indivíduos de cor branca e preta correspondem a 20% cada.

A pesquisa também revelou que muitos cooperados não conseguiram concluir o ensino fundamental, sendo que 60% deles têm o ensino fundamental incompleto. Além disso, 20% possuem ensino superior completo, enquanto 10% têm o ensino médio completo e outros 10% estão cursando o ensino superior. Ao local de residência, observa-se que 40% dos cooperados residem na zona urbana, enquanto que 60% habitam na zona rural. Quanto à experiência na apicultura, dos cooperados que participaram da pesquisa, 60% possuem mais de 20 anos de atuação nessa atividade. 20% estão entre 16 a 20 anos, 10% têm de 5 a 10 anos de experiência, e os restantes 10% possuem menos de 2 anos na apicultura. Os motivos que levaram a iniciarem as atividades na apicultura são os mais diversos, conforme será detalhado a seguir.

Eu morava lá em Carbonita, tem minha casa lá, e a gente trabalhava, meu marido trabalhava na Carbo Madeira, e nisso o patrão dele mexia com abelha. E nisso ele incentivou meu marido. E a gente, como tava começando, ele pegou o resto das tábuas que ele jogava fora e emendava elas, cê entendeu? Tanto, que a primeira que ele arrumou, como ele trabalhava, ele não tinha tempo de ir no mato pra armar, eu fui com ele e armei, né? (Entrevistada A, 2023).

Percebe-se que, neste caso, o início da atividade apícola se deu por conta da

relação de trabalho em uma das diversas empresas que atuam no ramo da madeira no alto Jequitinhonha. Outros cooperados deram início à apicultura por iniciativa própria e impulsionados por parentes, patrão ou assessor técnico, como será detalhado a seguir.

Eu comecei através do incentivo. Na época o patrão meu, a gente tinha uma marcenaria, eu trabalhava de funcionário, ele começou no ramo e eu iniciei junto (Entrevistado B, 2023).

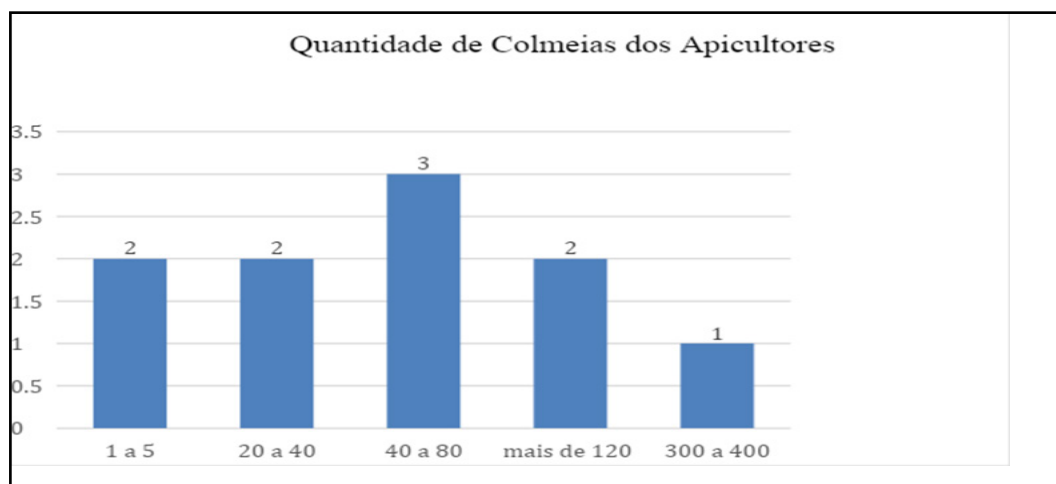
[...] Em 97 eu iniciei na bruta, né? A gente judiava muito dos enxames, a gente não tinha noção, né? Como que era. Aí, em 2000, em 2000 veio um técnico aqui da EMATER. Ele teve uma reunião com nós lá na comunidade, perguntou se alguém interessava trabalhar na apicultura (Entrevistado C, 2023).

Eu comecei faz um ano e meio, mais ou menos. Aí meu cunhado de veredinha mexe, né? Ele e o cunhado dele também. Aí um dia eu estava na roça, fui para lá ficar no final de semana e fui com ele ajudar um cunhado dele também, sabe? Quando fomos no mato na área da Aperam, né? Aí nesse dia que eu fui ajudar ele, nunca tinha ido, né? Eu gostei e comecei a fazer (Entrevistado E, 2023).

Esses relatos demonstram que a inserção na apicultura é muitas vezes impulsionada por influência próxima, seja de empregadores, técnicos de extensão rural (como no caso da EMATER) ou de familiares já envolvidos na atividade. Em relação a quantidade de colmeias, os cooperados possuem até 400 colmeias, sendo que 70% têm até 80 colméias, conforme a Figura 1. Dados da Confederação Brasileira de Apicultura (CBA) em 2019, indicam que quase metade dos produtores no país possui até 50 colmeias, e mais de 90% detém até 200 colmeias (Vidal, 2020).

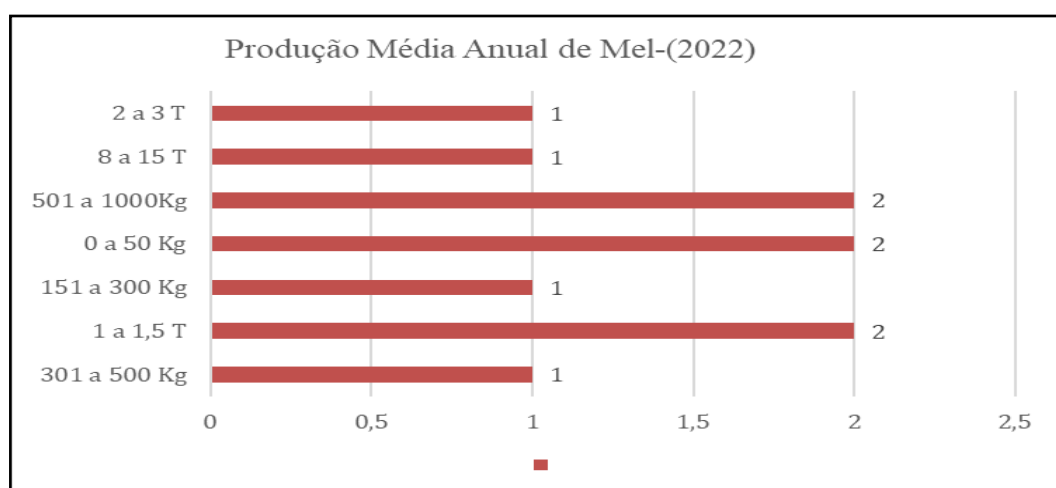
Em relação à produção dos participantes da pesquisa, os produtores chegam a produzir 1,5 toneladas de mel, conforme ilustrado na figura 2, demonstrando o grande potencial produtivo da região. Contudo, 60% dos produtores associados não alcança uma tonelada. No ano de 2022, os apicultores da COOAPIVAJE que participaram da pesquisa indicaram que o preço de venda do mel oscilou entre R\$8,00 a R\$30,00 o quilograma.

Figura 1 Quantidade de Colmeias dos Apicultores



Fonte: Dados da Pesquisa, 2023

Figura 2 Produção Média Anual de Mel (2022)



Fonte: Dados da Pesquisa, 2023

Nesse aspecto da produção, um dos cooperados afirmou: “[...] Hoje nós fizemos uma pesquisa que nós temos o potencial de produzir, 700 toneladas por ano, que é uma quantidade bem significativa” (Entrevistado, D). Isso demonstra a grande capacidade produtiva da região que pode trazer maiores benefícios aos cooperados associados.

No que se refere às vendas, os cooperados utilizam principalmente a própria cooperativa para comercializar os derivados do mel, representando mais da metade da produção. Além disso, 30% das vendas são feitas por meio de atravessadores, enquanto os 40% restantes são destinados a outros canais.

4.2 DESVENDANDO OS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NA COOAPIVAJE

A Economia solidária e o cooperativismo têm como princípio a autogestão. As diretorias precisam sempre consultar os cooperados. A composição da diretoria da COOAPIVAJE, atende esses princípios, sendo formada por membros do seu corpo de cooperados eleitos nas assembleias. Porém, para ocupar tais cargos seus membros enfrentam alguns desafios vejamos,

A cooperativa, a gente achou que não tinha essa necessidade de ter muito cooperado, porque a gente já tinha associação, mas hoje a gente tá entendendo que a gente precisa de alguns cooperados, principalmente cooperados de Turmalina, dali de perto, para estar mais perto, para estar cooperando, justamente pra fazer parte da chapa, fazer parte da diretoria.[...] Então, tem hora que chega num ponto que eu não consigo mais trabalhar no voluntário[...] Outras vezes, quando eu chego aqui quatro, cinco horas que eu chego do serviço eu vejo ali na mensagem, o documento que precisa assinar, precisa assinar hoje, aí eu saio, tem hora que não dá tempo mais, é meio puxado. É puxado (Entrevistado F, 2023).

Os cooperados percebem que as tarefas da cooperativa são realizadas com muito esforço e colaboração principalmente as atividades administrativas e de gestão, que muitas das vezes falta mão de obra para tais. Torna-se evidente que o trabalho voluntário não seria o mais adequado para essa função, apesar de representar a solidariedade sem envolvimento de relações mercantis, o que é o esperado em um grupo cooperado (Silva *et al*, 2023).

Segundo Lengler e Rathmann (2006), a ausência de participação e cooperação por parte dos cooperados inevitavelmente resulta na concentração das atividades do coletivo nas mãos de um mesmo grupo de representantes. Ao serem questionados se consideravam participantes do processo decisório da cooperativa 80% disse que sim, enquanto 20% respondeu que não. Sobre o processo decisório um dos entrevistados disse que,

Atualmente há um ano, mais ou menos, seis meses, seis meses mais ou menos. A gente está tendo um grupo, [...] juntamente com o gestor. Eu participo desse grupo, então toda semana ele coloca as decisões que estão sendo tomadas nesse grupo pra gente agradecer ou não o que ele está fazendo. A diretoria em

si, ela acaba que como é de Chapada do Norte, outra cidade, não tem tanta ação. Embora participem todos e da aval pra fazer (Entrevistado B, 2023).

No aspecto da economia solidária 60% dos cooperados que participaram da pesquisa não sabem o que é economia solidária enquanto que 40% sabe o que significa. Mas, ao serem questionados sobre o que significa cooperativismo, 90% dos entrevistados souberam responder. Ao serem indagados sobre o que significava cooperativismo, os cooperados tiveram diversas respostas,

Oh, Fi, você fez uma pergunta que tá difícil pra gente responder, que eu não tinha pensado ainda nessa possibilidade, tendeu? eu acho que é **ajudar o próprio povo, a região**, porque se tem uma renda que entra, é pra nossa região, cê tendeu? Eu acho assim, no meu pensamento, eu não sei se tá certa a minha resposta pra cês (Entrevistada, A).

O cooperativismo **age com a confiança e a empatia**. Você tem que querer ir pro próximo aquilo que você quer pra você. Não adianta você estar ali dentro de uma cooperativa, às vezes, pensando só em receber (Entrevistado, B).

[...] É onde **o mais forte ajuda o mais fraco e o mais fraco** ajuda o mais forte, né? Porque a gente, além de ter se mais respeitado (Entrevistado D, grifos nossos).

As diversas concepções sobre o cooperativismo, ou até mesmo a dificuldade em defini-lo com precisão, evidenciam divergências entre os cooperados. Isso é resultado da falta de uma educação cooperativa que permitiria a todos compreender plenamente o conceito do cooperativismo, assim como seus valores e princípios.

Essa ausência pode levar a cooperativa a perder sua identidade, transformando-se em uma empresa tradicional com características capitalistas. Mas a ideia de ajuda e cooperação esteve presente em todas as respostas, sugerindo uma abordagem solidária na organização. A cooperação auxilia os indivíduos a realizarem em grupo objetivos econômicos que teriam dificuldades de alcançar sozinhos (Nascimento, 2000).

Nesse sentido, existe um desafio em encontrar um equilíbrio, pois a cooperativa é simultaneamente uma associação de pessoas e uma organização econômica (Pinho, 1986; Lauermann, 2022). Mesmo a COOAPIVAJE não se autodenominando como um empreendimento de economia solidária, é possível identificar elementos de um empreendimento solidário em sua organização, tais como:

É sim. Nós aí trabalha assim. Precisou é um ajuda dos outros. É assim que é. Não tem tempo duro pra nós, não. Desde quando nós começamos mesmo. Desde 2000 pra cá é desse jeito, entendeu? Na apicultura, né? Que to falando (Entrevistado C, 2023).

Não, nas assembleias tem um grupo maior. A participação menor é no dia-a-dia das reuniões. No dia-a-dia das reuniões é mais apertado. Um pode num dia, outro já não pode no outro dia. Quando bate o martelo tem que ser tal dia, nem sempre dá para todos. A gente tem essa dificuldade, em questão de participação, de reunião, a gente tem essa dificuldade. Mas na assembleia é sempre (Entrevistado F, 2023).

É possível observar uma relação entre os trechos e os princípios da economia solidária, especialmente no que diz respeito à autogestão e participação democrática entre os membros da organização. Uma gestão participativa exige um maior esforço, embora saibamos que para gerir uma cooperativa esse princípio é essencial. Por exemplo, conforme relata esse cooperado: “[...], basta ver que a mesa da cooperativa no seminário de Itamarandiba estava aberta, estava vazia. Essa é a minha visão de me fortalecer com a equipe e não com o cooperado. O que faz a roda girar é a equipe” (Entrevistado, B).

Já o princípio da cooperação entre os associados é vital para o bom funcionamento de uma cooperativa. Existe uma conexão implícita com o princípio da cooperação. O fato de que essa mentalidade cooperativa está enraizada na comunidade desde 2000 sugere uma prática duradoura e eficaz de organização econômica baseada em valores solidários e colaborativos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que há uma falta de educação cooperativa, na qual os membros desconhecem os conceitos básicos do cooperativismo e da economia solidária, e muitos não compreendem seu papel na organização da cooperativa. A participação nas assembleias e reuniões é baixa e, frequentemente, as mesmas pessoas participam e contribuem. Eles não se reconhecem como um empreendimento econômico solidário, mas existem indicativos na prática concreta da cooperativa

típicos de uma experiência de construção da economia solidária.

A cooperativa, portanto, pode ser caracterizada como uma cooperativa híbrida, pois a mesma possui elementos de um empreendimento econômico solidário e capitalista. Isso ocorre pelo fato de a COOAPIVAJE estar inserida no mercado capitalista em concorrência com empresas privadas. Outro ponto de destaque é que seus cooperados estão imersos e foram socializados no modo de produção capitalista, e essa mudança na forma de comercializar, produzir e socializar será lenta e gradual.

Além disso, toda a cadeia de processamento e distribuição do mel foi moldada dentro dos marcos do modo de produção capitalista, o que dificulta a absorção total dos princípios da economia solidária. Ressalta-se que as pesquisas em economia solidária não podem partir de modelos prontos sem serem adaptados à realidade dos grupos sociais e à região na qual estão inseridos. Por fim, indicamos que ações de formação cooperativa e em economia solidária podem contribuir com a cooperativa e com a cadeia produtiva do mel no Vale do Jequitinhonha.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa foi financiada pelo Edital CAPES nº 04/2021, que faz parte do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) com foco no Apoio ao Desenvolvimento da Região Semiárida, através do Acordo de Cooperação Técnica CAPES/FAPEMIG nº 1086/2021. Esta pesquisa integra o projeto “Cadeia de Valor do Mel no Semiárido Mineiro - análise ecológica, socioeconômica e organoléptica com vistas à exportação e ampliação do mercado de méis especiais”, também financiado pelo mesmo edital e acordo de cooperação. A pesquisa também integra o Projeto FAPEMIG “Possibilidades e desafios da produção cooperada de mel no Vale do Jequitinhonha” (APQ-00307-22) e contou com apoio financeiro do mesmo.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, J. B. F.; BOTELHO, B. D.; CARVALHO, T. C. ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 2011. Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2011. Diagnóstico da cadeia produtiva da apicultura: um estudo de caso.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BIALOSKORSKI NETO, S. **Aspectos Econômicos das cooperativas**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.
- CANÇADO, A. C.; SOUZA, M. de F. A.; PEREIRA, J. R. Os princípios cooperativistas e a identidade do movimento cooperativista em xequê. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 51–62, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/rgc/article/view/16279>. Acesso em: 03 fev. 2023.
- CULTI, M. N. **O desafio do processo educativo na prática de incubação de empreendimentos econômicos solidários**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- FARDINI, G. **Fundamentos do Cooperativismo**. Brasília: Sistema OCB, 2017.
- GAIGER, L. I. A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 28, p. 211–228, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/MRR5qdXQ7q6DHZLH3VnMVLN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2024.
- HOLZMANN, L. **Empreendimentos Solidários**. Autonomia ou tutela? Seminário Franco-Brasileiro sobre Economia Solidária. Campinas: UNICAMP, 2009.
- IBGE. **Produção de mel de abelha**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/mel-de-abelha/br>. Acesso em: 01 abr. 2024.
- IBGE. **Pesquisa da Pecuária Municipal**, 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/74#resultado>. Acesso em: 01 abr. 2024.
- LAUERMANN, G. J.; SOUZA, A. K.; MOREIRA, V. R.; SOUZA, A. Desempenho econômico-financeiro de cooperativas: o caso do programa de monitoramento da autogestão das cooperativas agropecuárias do Paraná. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 59–72, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/rgc/article/view/24144>. Acesso em: 27 fev. 2024.
- LENGLER, L.; RATHMANN, R. Assimetria de relacionamentos na cadeia apícola do Rio Grande do Sul. **Revista da FAE**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2006. Disponível em: <https://revista-fae.fae.edu/revistafae/article/view/362>. Acesso em: 27 fev. 2024.
- LENGLER, L.; RATHMANN, R. Assimetria de relacionamentos na cadeia apícola do Rio Grande do Sul. **Rev. FAE**, Curitiba, v. 9, n. 2, pp. 51–62, jul./dez. 2007. Disponível em: file:///C:/Users/danie/Downloads/lepidus,+05_Leticia_Regis.pdf. Acesso em: 04 abr. 2024.
- MANCE, E. A. Redes de colaboração solidária. **IFiL**, Curitiba, v. 11, 2002. Disponível em: <http://www.solidarius.net/mance/biblioteca/redecolaboracao-pt.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.

MARINHO, C.; SANTOS, B. M. S.; OLIVEIRA, H. da S. de.; SANTOS, H. O.; OLIVEIRA, F. S.; SANTOS, E. M. S. Organização da produção, do manejo e da comercialização de produtos apícolas: um foco nas ações coletivas. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p. e295101018891-e295101018891, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18891> . Acesso em: 01 abr. 2024.

MARTINS, G. A. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisa no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 9-18, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rco/article/view/34702>. Acesso em: 27 fev. 2023.

MARTINS, J. C. S. **A Cooperativa Apícola do Sul - COOAPISUL como instrumento de integração dos apicultores para o desenvolvimento da atividade apícola na região do COREDE Centro Sul**. 2011. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NASCIMENTO, F. R. **Cooperativismo como alternativa de mudança**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

OCB. **Anuário do Cooperativismo Brasileiro de 2022**. Disponível em: <https://anuario.coop.br/brasil/cooperativas>. Acesso em: 27 mar.2024.

PEREIRA, K.C.; PIERANGELI, M.A.P.; GALBIATI, C. Potencial do mel orgânico como alternativa de desenvolvimento rural sustentável em Mato Grosso. **Revista Equador (UFPI)**, [S.l.], v. 9, n. 4, p.40 - 55, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/view/11464/7017>. Acesso em: 01 abr. 2024.

PINHO, D. B. **A doutrina cooperativa nos regimes capitalista e socialista**. São Paulo: Pioneira, 1966.

PINHO, D. B. **O Cooperativismo no Brasil: da verdade pioneira à vertente solidária**. São Paulo: Saraiva, 2004.

PREDIGER, C. L.; AHLERT, A. Ética e Educação Ambiental: Lugares Privilegiados na Apicultura. **Ensaio e Ciência Biológicas Agrárias e da Saúde**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 70-78, 2019. DOI: 10.17921/1415-6938.2019v23n1p70-78. Acesso em: 01 abr. 2024.

RIOS, G. S. L. **O que é Cooperativismo**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos)

SCHNEIDER, J. O. **Democracia, participação e autonomia cooperativa**. 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

SILVA, M. C. M. **A produção do mel de aroeira do Vale do Jequitinhonha como alternativa ecológica e socioeconômica na agricultura familiar**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Rurais) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2023.

SILVA, M. C. M.; DARDENGO, A. M.; MURTA, C.S.; ALVARENGA, D. J. R.; SANTIAGO, M. C.; STOCOO, A. F. IX FÓRUM DE COOPERATIVISMO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE GESTÃO DE COOPERATIVAS, 2023. Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria: IX Fórum de Cooperativismo do Simpósio Nacional de Gestão de Cooperativas, 2023. Cooperativismo Apícola no Vale do Jequitinhonha -MG: A Prática dos Princípios da Economia Solidária na COOAPIVAJE.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, P. Economia Solidária entrevista com Paul Singer. **Estudos Avançados**, v. 22, n. 62, p. 289-314, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/WYVnc8gjVQYF-DnrCgbZxjCG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2024.

SOARES, A. E. E. XV CONGRESSO BRASILEIRO DE APICULTURA E 1 CONGRESSO BRASILEIRO DE MELIPONICULTURA, 2004. Ribeirão Preto. **Anais [...]**. Ribeirão Preto: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, 2004. Captura de enxames com caixas iscas e sua importância no melhoramento de abelhas africanizadas.

SOUZA, D. L.; EVANGELISTA-RODRIGUES, A.; PINTO, M. S. C. As abelhas como agentes polinizadores. **REDVET. Revista electrónica de Veterinária**, Málaga, v. 8, n. 3, p. 1-7, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/636/63613302010.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.

VIDAL, M. F. Evolução da produção de mel na área de atuação do BNB. **Caderno Setorial ETENE**, Fortaleza, ano 5, n. 112, abr. 2020. Disponível em: https://bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/229/1/2020_CDS_112.pdf. Acesso em: 30 mar. 2024.

ZWICK, Elisa. **Fundamentos teóricos de gestão de cooperativas**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2011. Disponível em: http://repositorio.ufla.br/jspui/bitstream/1/2326/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Fundamentos%20te%C3%B3ricos%20de%20gest%C3%A3o%20de%20cooperativas.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA

1 – Daniel Júnior Rodrigues Alvarenga

Mestre em Estudos Rurais pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM. E Doutorando em Ciências Sociais-UNICAMP.

<https://orcid.org/0000-0001-6505-2248> - daniel.alvarenga@ufvjm.edu.br

Contribuição: Escrita.

2 – André Moulin Dardengo

Professor do Departamento de Ciências Econômicas - DECE - UFMG

<https://orcid.org/0000-0001-6304-0489> - andre.dardengo@ufvjm.edu.br

Contribuição: Orientação – Revisão da redação

Como citar este artigo

ALVARENGA, D. J. R.; DARDENGO, A. M. Reflexões sobre a economia solidária no cooperativismo apícola do vale do jequitinhonha. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas**, Santa Maria, v. 11, n. 22 e87833, 2024. DOI 10.5902/2359043287833. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2359043287833>.